

A médio prazo, preços estáveis

Os preços da dívida do Terceiro Mundo no mercado secundário subiram, em meio a poucos negócios na semana passada, enquanto o novo Plano Brady de redução da dívida emprestou uma estabilidade de médio prazo aos preços, deixando porém subjacentes os temores do mercado quanto a uma tendência de baixa a longo prazo.

Em suma, o Plano Brady pede que os bancos comerciais perdoem parte de sua dívida do Terceiro Mundo, usando fundos provenientes do Banco Mundial (BIRD) do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Japão.

O plano preconiza três tipos básicos de transações de empréstimo: conversão da dívida por títulos descontados, conversão da dívida por títulos de principal igual, com taxa de juros mais baixa, ou conversão da dívida por participação acionária em empresas.

Os países às voltas com programas de austeridade econômica, implantados por instância do FMI, poderiam então usar alguns fundos daquela instituição para recomprar a dívida bancária ou para garantir os

COTAÇÃO DA DÍVIDA (Em centavos por dólar)

País	13 de março	17 de março
Argentina	15 — 16	17 — 17,5
Brasil	28 — 29	31 — 32
Chile	55,5 — 56,5	56 — 57
Equador	12 — 14	12 — 14
Filipinas	33 — 35	38 — 39
Iugoslávia	42 — 44	41 — 43
México	36 — 37	40 — 41
Peru	5 — 7	5 — 7
Polônia	32 — 34	33 — 34
Venezuela	30 — 31	35,5 — 36,5

títulos. O plano Brady também preconiza que o excesso de fundos do FMI e do BIRD seja empregado para respaldar os pagamentos de juros em determinados empréstimos.

Depondo perante o Congresso, na semana passada, David Mulford, subsecretário do Tesouro, disse que, à exceção do México, os países participantes do plano receberiam garantias de um alívio da dívida de 20% em média. O México, diz Brady, receberia mais.

Segundo algumas fontes, o México está tentando obter um perdão de aproximadamente 50% do remanescente de sua dívida, que monta a US\$ 104 bilhões, embora os atores do mercado esperem algo mais,

da ordem de 10 a 15%. Um perdão de 20% equivaleria a mais de US\$ 20 bilhões.

"Se US\$ 20 bilhões a US\$ 25 bilhões de perdão da dívida externa fossem só para o México, não sobraria muito para os outros países", declarou Robert Verthelyi, do Chase Manhattan. E acrescentou: "Se o México obtiver o perdão de uma parte muito grande, isso daria margem a um parâmetro, segundo o qual quanto mais alguém pagar de sua dívida externa, mais lhe será perdoado. Isso implicaria cerca de 90% para o Peru e a Bolívia, o que não é muito plausível".

Essa especulação alimentou rumores de uma nova negociação mexicana, na qual os Estados Unidos garantiriam os pagamentos do principal numa emissão de vinte anos, e os bancos internacionais de desenvolvimento garantiriam o pagamento dos juros durante os três primeiros anos.

O papel mexicano foi negociado a 40% de seu valor nominal da semana passada, comparado com 36% da semana anterior.

O possível arranjo mexicano também dá margem a

dúvidas quanto às premissas do Plano Brady. Embora o plano se baseie em programas de conversão de dívida por participação corporativa nos países devedores, os analistas dizem que o perdão dos bancos comerciais significará que a dívida da qual eles são depositários vale menos — diminuindo sensivelmente as probabilidades de os bancos virem a emprestar novamente aos países do Terceiro Mundo.

Se desse aos bancos uma compensação à base de relaxamento dos dispositivos reguladores, ou isenção de impostos pelo perdão da dívida, dizem as fontes, talvez as coisas fossem diferentes. Mas nos Estados Unidos, poucos participantes acham que isso venha a ocorrer.

Os preços que constam de tabela nessa matéria foram fornecidos pela Merrill Lynch, de Nova York. As margens de variação são expressas em centavos por dólar do valor original do empréstimo. Para alguns países, as variações de cotação cobrem mais de um tipo de dívida. A listagem para o Brasil reflete a dívida soberana normal negociada. (Unicom)